

UTILIZAÇÃO SEGURA DA INTERNET COMO RECURSO EDUCATIVO NA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Henrique Gil

Instituto Politécnico de Castelo Branco; Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, e
Universidade de Lisboa, Portugal

Carina Félix

Resumo: No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada no 1.º CEB foi realizada uma investigação qualitativa com o objetivo de consciencializar os alunos para os perigos na utilização da internet. Foram implementadas atividades onde, para além dos conteúdos explorados, foram transmitidos os principais cuidados para uma navegação segura na internet. Na investigação foram também envolvidos os pais e os professores do agrupamento de escolas do 1.º CEB no sentido de recolher opiniões acerca da importância da utilização segura da internet em contexto educativo. Dos resultados obtidos, foi possível verificar-se que os professores ainda não dominam aspetos importantes na utilização segura da internet e o facto de muitos pais não terem consciência e conhecimento das utilizações que os respetivos filhos fazem na internet. A utilização segura da internet, na investigação realizada, permitiu vir a esclarecer dúvidas e a promover condições para futuras utilizações mais seguras em contexto educativo.

Palavras-chave: Prática de Ensino Supervisionada, 1.º CEB, Internet Segura, TIC.

Abstract: Under the Supervised Teaching Practice in the 1st CEB qualitative research was conducted in order to raise awareness among students of the dangers in using the internet. Activities were implemented where, in addition to the content explored, the main care for safe navigation on the Internet were transmitted. In the investigation were also involved parents and teachers of the 1st CEB school cluster in order to gather opinions about the importance of safe Internet use in educational context. From the results, we found that teachers have not mastered aspects important in safe use of the Internet and the fact that many parents do not have awareness and knowledge of the uses that the respective children do on the internet. The safe use of the internet, that investigation allowed to come to answer questions and to promote conditions for future safer use in an educational context.

Keywords: Supervised Teaching Practice, 1.º CEB, Safe Internet, ICT.

Introdução

Nos últimos 20 anos, desde que surgiram as tecnologias de informação, houve uma reorganização no modo como as pessoas vivem, comunicam e aprendem. Essas alterações permitiram novos hábitos e novas práticas associadas com as novas

gerações (Simões e Gouveia, 2009). Devido à rápida adesão da internet por parte das crianças, existiu a necessidade de sensibilizar os pais e educadores dos riscos que as mesmas correm ao navegarem na Internet. É a partir desta realidade que surgem iniciativas como a e-segurança, departamentos governamentais, institutos de investigação e firmas de software que apresentam toda a informação necessária sobre os perigos que as crianças correm ao navegarem na internet, bem como soluções que podem mitigar esses mesmos perigos (Whitby, 2012). A presente investigação teve como objetivo colaborar para o conhecimento sobre as potencialidades e os riscos que as crianças correm ao navegar na internet sem que tenham cuidados ou precauções adequadas.

As TIC em contexto Educativo

Durante muitos anos a sociedade tem vindo a adaptar-se às tecnologias, assumindo diferentes questões sociais, económicas, culturais e políticas. As TIC têm sido associadas a algumas das mais significativas mudanças ocorridas na sociedade a partir do século XX. A implementação de estratégias para a introdução do uso das TIC nas escolas em Portugal têm sido discutidas nas últimas duas décadas. É ao longo dos anos 80 e 90 que houve uma progressiva instalação e utilização curricular das TIC, pois esta passou a ser entendida como recurso e como um ambiente de trabalho (Vieira, 2005). As tecnologias devem ser usadas pelos professores e alunos de forma livre e criativa na realização das atividades. Esta perspetiva pode possibilitar ao aluno diferentes aprendizagens devido ao seu maior envolvimento na utilização das TIC. A utilização das TIC, como ferramenta, pode ser utilizada como auxílio para atividades de projeto, investigação, comunicação ou, simplesmente, para uma simples aprendizagem através da utilização de *software* e de programas adequados. As TIC podem contribuir para a mudança da escola e o seu papel na sociedade, passando esta a ser um lugar de exploração de culturas, de realização de projetos, de investigação e de debate (Ponte, 2000).

As TIC podem ser consideradas em duas vertentes: contexto pessoal e contexto educativo. No que diz respeito ao contexto pessoal, as vantagens dos computadores sentem-se com o ganho de tempo na execução de tarefas e o computador pode vir a possibilitar e facilitar a execução destas tarefas pela troca de saberes e experiências que estas tecnologias proporcionam. No contexto educativo, deve-se referir a interação diferenciada que ocorre entre os professores e alunos quando é utilizado um

software específico, pesquisa online (sob a orientação do professor), comunicação por e-mail para retirar dúvidas ou até mesmo no envio de trabalhos de casa (Paiva et al, 2002). No atual contexto, a utilização da internet tem vindo a ser realizada quer por professores quer por alunos. No entanto, são conhecidos os perigos que a utilização da internet pode trazer se não forem tidos os cuidados necessários. A título de exemplo, perspetivando-se a sua utilização em contexto educativo, há uma necessidade para promover a formação de professores nesta área específica.

As Crianças e a Internet

Atualmente, a Internet é uma presença inevitável na vida das crianças, estas fazem parte da sociedade da informação. Este meio de comunicação depressa se afirmou como um sistema de enorme complexidade técnica e social, fazendo parte deste universo recente milhões de redes e computadores (Candeias, 2008). Neste universo de redes e computadores fazem parte os nativos digitais que utilizam cada vez mais a Internet. No que respeita a dados mundiais, os nativos digitais ocupam cerca de 56%, que equivale a 648 milhões da população. Podemos concluir que os nativos digitais constituem o seu próprio grupo social, formando um “mundo à parte” e influenciando cada vez mais a sociedade que os rodeia. Os professores são mais conhecidos por “imigrantes digitais”. Esta tipologia foi dada aos professores, devido ao facto dos mesmos não terem nascido no mundo da «Era Digital», ao contrário dos nativos digitais, que “respiram” a tecnologia desde tenra idade, esta é uma grande diferença que se observa entre os nativos e imigrantes (Prensky, 2001). Do mesmo modo, Candeias (2008), refere que atualmente é um facto que o número de crianças e adolescentes que utilizam o computador e a Internet têm vindo a aumentar freneticamente nos últimos anos. Para as crianças, estar online é uma condição de integração social e, posteriormente, o seu sucesso entre os seus pares. Assim, a televisão ou a rádio foram excluídos pelas crianças sendo a Internet a mais requisitada entre os diferentes meios de comunicação.

Perigos na Internet

Se o leque de oportunidades é amplo, o mesmo acontece com os perigos. De facto, se há alguns anos o espaço público contemporâneo começou a ser associado a um espaço inseguro e de risco para as crianças, essa ameaça começa agora a desviar-se

para o ciberespaço, "(...) um sítio contemporâneo de ansiedade" (Vieira, 2005, 32). Os riscos online a que as crianças estão sujeitas, levantam grandes dilemas aos pais, sobretudo quando as plataformas de acesso à Internet se multiplicam, os serviços e conteúdos disponíveis não param de se expandir. Neste sentido passa-se a apresentar a figura 1, onde se destacam os principais perigos na utilização da Internet, de acordo com Livingstone (2003) e Santos & Manteigas (2010).

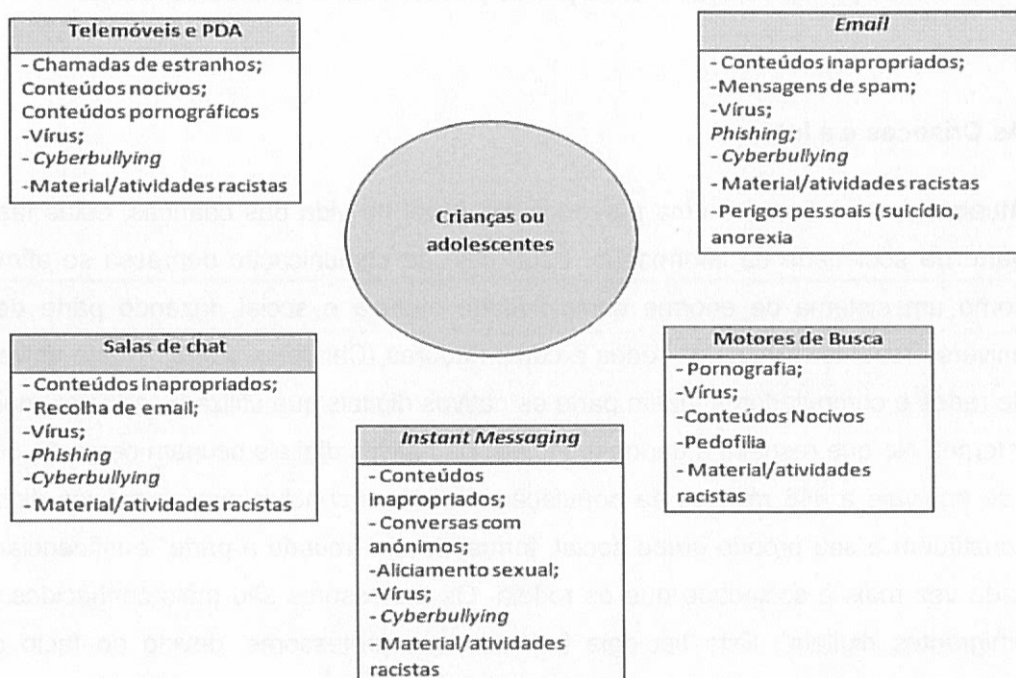


Figura 2 Tecnologias e serviços disponibilizados pela Internet que são utilizados pelas crianças (Adaptado de Santos e Manteigas, 2010 e Livingstone, 2003)

Para Martins e Pinto (2008) os perigos que geram maior preocupação são os que têm uma natureza social, ou seja, são aqueles que têm maior impacto na vida social e emocional das crianças. De acordo com a opinião de Ponte e Vieira (2007) até ao início de 2007, foram identificados e analisados 235 estudos, realizados entre 2000 e 2006, sobre as questões relacionadas com os riscos online. O projeto *EU Kids Online*, refere que Portugal foi um dos países com mais baixa incidência declarada de risco entre os países estudados: apenas 7% das crianças inquiridas referiu ter ficado incomodado por um ou mais riscos abordados, contra uma média europeia de 12%. Jorge *et al.* (2012), referem que a maioria das crianças afirmaram não terem tido qualquer experiência perturbadora *online*, parecendo sentirem-se confortáveis em atividades na Internet. De acordo com a figura 1 apresentada anteriormente, serão agora analisados os vários tipos de riscos online: a) Fishing: De acordo com a

informação disponibilizada no site da Internet Segura “phishing” (trocadilho com *fishing*, ou ir à pesca, consiste em utilizar métodos para que o cibernauta revele os seus dados pessoais e confidenciais. O phishing é uma “vigarice” que utiliza *SPAM* ou mensagens de *pop-up* para as pessoas revelarem os seus números pessoais do cartão de crédito, informações bancárias, números de segurança social, passwords ou outro tipo de informação confidencial. b) Aliciamento: O aliciamento, é uma conduta de um suspeito de pedofilia que dê a uma pessoa racional motivos de preocupação de qualquer encontro pessoal com uma criança, derivado dessa conduta, se pode destinar a fins ilícitos. c) Pornografia infantil: A pornografia infantil online constitui também uma forma rentável de exploração de crianças e adolescentes, incentivando a prostituição infantil com fotos, DVDs e vídeos, mostrando nus de adolescentes em poses de índole sexual e erótica, ainda neste contexto, a conduta criminosa das pessoas que trabalham as redes internacionais de pornografia infantil consiste, entre outras, em enganar e seduzir famílias que deixam os filhos posarem para fotos pseudoartísticas (Santos e Manteigas, 2010). d) Cyberbullying: De acordo com o site da Internet Segura a expressão cyberbullying é uma palavra composta por “cyber” diz respeito ao uso das novas tecnologias de comunicação (correio eletrónico, telemóveis) e o “bullying relativo ao fenómeno dos maus-tratos por parte de “rufião” (bully) ou grupo de rufiões. O cyberbullying para Santos e Manteigas (2010), verifica-se quando uma criança ou adolescente, que se esconde atrás do anonimato da Internet, provoca, intimida, ameaça, atormenta, importuna ou amedronta outra criança ou adolescente. Em Portugal, o cyberbullying não é considerado um crime, mas as atividades que constituem o cyberbullying permitem que sejam tomadas medidas legais (Whitby, 2012). Os predadores sexuais são normalmente do sexo masculino e de meia-idade e pertencem a todas as classes sociais, normalmente sabem manusear bem as tecnologias de informação e comunicação navegando em fóruns, salas de conversação, *Instant Messaging*, blogues e sítios de relacionamento social. As crianças que se encontram mais vulneráveis às ações dos predadores sexuais são aquelas que têm problemas, estão desinformadas das ações deste tipo de predadores, estão a explorar a sua sexualidade e que tentam afastar-se do controlo dos pais, procurando novos relacionamentos fora do âmbito familiar (Santos e Manteigas, 2010).

Orientações e propostas de segurança

Para Santos e Manteigas (2010), muitos pais e educadores por desconhecimento acerca do funcionamento da Internet e pela falta de controlo sobre a mesma, não têm capacidade de supervisionar e acompanhar as suas crianças que utilizam este meio através de tecnologias móveis ou por uma ligação fixa. Ainda de acordo com Santos e Manteigas (2010), existem estratégias de mediação adotadas pelos pais relativamente às atividades online dos filhos, que se passam a enunciar: a) Mediação ativa dos usos da internet em geral: a presença dos pais junto das crianças e jovens, quer seja através da simples proximidade física, quer seja através da partilha das mesmas atividades (co-utilizando o computador); b) Mediação ativa dos usos seguros da Internet: ter em conta a forma como antes, durante e depois, os pais tentam guiar os filhos através do uso seguro da internet, ajudando-os em caso de dificuldade ou discutindo o que estes devem fazer numa situação de risco; c) Restrição ativa: definir regras explícitas que restrinjam os usos das crianças e jovens que dizem respeito às aplicações (ou tipos de software) particulares; d) Monitorização: os pais devem confirmar "a posteriori" a utilização que os seus filhos fizeram da internet, consultando para isso o histórico das atividades realizadas; e) Mediação técnica: os pais utilizam software de controlo, para filtrar, restringir ou monitorizar o uso da internet e problemas relativos à segurança online.

Na opinião de Santos e Manteigas (2010), existem várias formas de monitorizar as atividades que as crianças realizam na Internet. Uma delas é a aplicação de um software desenvolvido para controlar as atividades que fazem online. No entanto, na maior parte das vezes, não sabem que software existe para esse efeito, nem o sabem utilizar. Para o efeito, passa-se a referir algumas destas ferramentas digitais: Sistemas operativos (Estes sistemas têm diversas opções e políticas que podem ser configuradas de modo a conferir mais segurança quer na utilização do computador, quer no acesso à Internet); Filtros de conteúdo (São softwares que têm uma base de dados de palavras ou categorias de palavras, tais como sexo, masturbação, pedofilia, álcool, drogas, violência, racismo, jogos, entre outras. Quando estas palavras são pesquisadas no motor de busca não é retornado nenhum resultado); Firewall (Software que monitoriza e filtra o acesso ao tráfego de dados entre o computador e a Internet. Impede que os utilizadores não autorizados tenham acesso, através da Internet ao computador); Browser (Software tem opções de configuração de acordo com aspetos de segurança que permitem: bloquear ou condicionar o acesso a determinados sítios da Internet, registando os sítios e conteúdos consultados);

Bloqueador (É um software que mantém uma base de dados de sítios proibidos e que, não podem ser acedidos pelos motores de busca); Keylogger (É um tipo de software que depois de instalado permite monitorizar as teclas que são premidas e capturar ecrãs, guardando esses dados no computador).

Metodologia da investigação

A investigação foi qualitativa num âmbito de investigação-ação no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada. Nesta investigação o objetivo foi analisar se a internet é segura para crianças do 1.º CEB e quais as melhores propostas ou estratégias para melhorar essa segurança. Para o efeito, recorreu-se à entrevista semidiretiva, à aplicação de questionários e à observação, a fim de se poderem recolher opiniões e dados que pudessem sustentar a intervenção. A investigação teve uma orientação naturalista e interpretativa, visto que ocorreu no contexto natural (sala de aula de uma turma do 2.º ano Ensino Básico) do fenómeno analisado (as potencialidades e riscos da internet) e pretendeu uma análise interpretativa da experiência dos participantes (professores, alunos e pais).

A questão problema que se pretendeu investigar foi a seguinte: «Será a internet segura para as crianças do 1.º ciclo? Quais os procedimentos preventivos mais adequados para melhorar essa segurança?» Para o efeito, passam-se a apresentar os objetivos e a questão de investigação que nortearam a intervenção: 1. Conhecer os padrões de conduta nas pesquisas efetuadas na internet pelas crianças e pelos pais. 2. Identificar as principais ameaças na utilização da internet por parte das crianças, pais e professores. 3. Recolher a opinião de crianças, pais e professores relativamente à segurança da internet fora e dentro da sala de aula. 4. Propor possíveis soluções para diminuir o impacto das ameaças e promover a divulgação das mesmas. 5. Desenvolver estratégias seguras nas atividades relacionadas com internet em contexto educativo. Para o efeito, na presente investigação, considerando os objetivos, as notas de campo, as observações, o inquérito por questionário e a entrevista semiestruturada foram consideradas os instrumentos mais importantes de recolha de dados. A entrevista semiestruturada foi realizada às quatro professoras titulares da escola, incluindo a professora cooperante. Os inquéritos por questionário foram aplicados aos 20 alunos da turma do 2.º A do 1.ºCEB de modo a recolher opiniões e informações sobre a utilização da internet, os seus riscos e perigos. É também importante referir, que as reflexões realizadas no final da aula juntamente com a

professora cooperante e o “par pedagógico” ajudaram a tirar as conclusões sobre as atividades propostas.

Apresentação, análise e tratamento dos dados

a. Sessões de intervenção

A implementação das quatro sessões de intervenção permitiram retirar várias conclusões. De uma forma positiva, verificou-se que a turma em estudo estava predisposta e interessada para aprender mais e mais. E no que concerne às TIC, no geral, os alunos mostraram muito interesse pelas tecnologias facilitando assim a transmissão de informação. Outro aspeto positivo nestas sessões de intervenção foi a cooperação e o sentido de entreajuda que a turma demonstrou. A professora cooperante e o “par pedagógico” foram pilares importantes para que todo este processo fosse concluído com sucesso. Também foi gratificante poder-se observar o sentido de responsabilidade que os alunos tiveram ao utilizar a internet de uma forma consciente. Como aspeto negativo ou uma proposta que poderá ser melhorada em investigações futuras era o facto de cada aluno ter um computador porque teria enriquecido e aprofundado as sessões devido a um maior envolvimento ativo por parte de cada aluno. No entanto, mesmo com o constrangimento de existirem pouco computadores, foram criadas condições para que todos os alunos utilizassem o computador.

b. Questionários

Na turma A do 2.º ano, todos os alunos possuíam acesso à internet em casa. Hoje em dia, para além de ser quase “obrigatório” existir um computador em casa, é também cada vez mais necessário ter a possibilidade de nos ligarmos ao mundo através da internet. Um dado bastante interessante é o facto de que 65% da nossa amostra já conseguir aceder à internet de forma autónoma. Além das crianças de hoje em dia possuírem computadores, terem acesso à internet e acederem à mesma, têm também o conhecimento necessário para já o fazerem sem a ajuda de adultos. Da turma analisada apenas 60% possuía qualquer conta numa rede social. Um dos perigos associados às redes sociais é falar com pessoas que não são nossas conhecidas, dado que essas pessoas podem ser hackers ou pedófilos. É, portanto, preocupante saber que duas das vinte crianças inquiridas têm amigos virtuais que nunca viram na

vida real. Apenas 70% das crianças da turma se sentiam seguras ao navegar na internet. É de realçar que crianças tão jovens já conseguem identificar que a internet pode não ser um lugar tão seguro como aparenta ser. Todas as crianças gostaram de utilizar a internet na sala de aula, ficando provado que a internet, se bem aproveitada, poderá ser uma ferramenta muito útil para motivar as crianças a adquirirem conhecimento essencial no âmbito das suas aprendizagens. Os dados recolhidos mostram que 94% dos pais sabem que os seus filhos utilizam a internet em casa. Mais uma vez, pela resposta dos pais, existe uma criança que usa o computador mas que não utiliza a internet. Comparando com as respostas das crianças, todas elas afirmaram usar a internet em casa. Uma vez mais, se verificou não haver coerência entre pais e filhos. Em relação às redes sociais, quatro pais indicam que o seu filho utiliza o Facebook, um menciona que o seu filho utiliza o Youtube e onze afirmam que os seus filhos não utilizam qualquer rede social. Mais uma vez, apercebe-se que o desconhecimento dos pais em relação aos sítios frequentados na internet pelos filhos é significativo. Isto porque dez crianças afirmam ter conta no Facebook e outras crianças tem conta noutras redes sociais e apenas oito crianças dizem não ter qualquer conta numa rede social, dados que não correspondem ao que é afirmado pelos pais. Quanto às fontes de informação/ferramentas que conhecem em termos de segurança na internet, oito pais mencionaram o site Disney.pt/phineaseferb, seis o site do “clube penguin”, cinco o site da “Seguranet”, quatro o site da “Internetsegura” e três a aplicação Magic Desktop. Todos os pais afirmaram que o seu filho não fala com ninguém pela internet que não conheça pessoalmente. Dado a sensibilidade desta questão, é preocupante confirmar que apesar de duas crianças terem admitido que falam com desconhecidos, nenhum pai está ao corrente de tal situação. A opinião acerca de se as crianças devem usar a internet nas aulas não foi unânime dado que 65% concorda com a utilização da internet e 35% não concorda.

c. Entrevistas

As professoras concordam que as escolas deveriam estar melhor equipadas para dar respostas aos alunos no que respeita a recursos informáticos. As professoras afirmam ainda que a existência da internet proporciona aos alunos novas experiências e diferentes aprendizagens. Por outro lado, quando se coloca a questão de implementar as TIC nas metas e no programa do 1.º CEB, as professoras acham desnecessário a sua implementação. O argumento associado a esta opinião é o facto de que já existem muitas metas ao nível das outras áreas. Neste sentido, estas professoras são da

opinião que as TIC correspondem a uma área “à parte”, devendo as mesmas serem promovidas e utilizadas no âmbito das AEC. No entanto, as docentes mostraram preocupação em adquirirem maior conhecimento e formação nesta área, manifestando interesse em frequentar ações de formação que lhes permitam a sua melhor integração numa sociedade digital. A entrevista realizada a uma professora especialista em segurança na internet, vem afirmar que existem mais vantagens do que desvantagens. A internet, no seu entender, faz parte da vida das crianças e os alunos têm uma vasta gama de dispositivos com ligação à internet de que podem usufruir, dentro e fora da sala de aula. A escola deixa assim de ter muros e paredes permitindo às crianças trabalharem com as mesmas realidades com que trabalham fora da escola. A especialista refere que, em relação às desvantagens, por vezes, existe o receio de os alunos quando têm uma atividade por realizar, estes não a conclua porque estão a navegar na internet (Facebook). Como foi referenciado pela entrevistada, as crianças são nativos digitais e, por vezes têm dificuldades em saberem diferenciar o mundo real do mundo virtual, achando que se podem comportar da mesma maneira no mundo real como se comportam no mundo online. De acordo com os riscos mencionados pela especialista foram mais evidenciados: bullying e os predadores sexuais. Nalguns casos as crianças têm um comportamento agressivo derivado aos jogos virtuais, vivências e televisão fazendo com se exponham a situações de perigo (predadores sexuais).

Conclusões

Os resultados desta investigação, através da realização do questionário às crianças e da elaboração de atividades em contexto sala de aula, permitem concluir que as crianças ainda não possuem um conhecimento suficiente para estarem completamente à vontade para realizarem pesquisas de forma autónoma na internet. No entanto, as mesmas admitem também que a ajuda da professora é essencial na tarefa online. Tendo em consideração as respostas dos inquiridos, consegue-se averiguar quais as principais ameaças na utilização da internet: bullying, pedofilia e roubo. Pelos dados recolhidos, pode-se inferir que os pais não se sentem seguros quando os seus filhos navegam na internet, ao invés das crianças que afirmam saber que estão seguras, apesar de se sentir que não estão muito conscientes dos reais riscos. Como tal é fundamental existir um acompanhamento de adultos (pais e professores) quando as crianças se encontram a navegar na internet. A

implementação de estratégias seguras nas atividades relacionadas com internet em contexto educativo foi outro objetivo atingido. É crucial informar as crianças acerca dos perigos que correm quando utilizam a internet. A realização de atividades que envolveram pesquisa online, como acompanhamento da professora ou de um responsável também é um aspeto importante. As crianças ganham confiança e conhecimento para poderem usufruir do potencial da internet de forma segura.

Ao chegar ao final da investigação, pode-se concluir que pode ter contribuído para uma melhor tomada de consciência em relação a uma utilização mais segura da internet. Contudo, sente-se que é necessário fazer mais, envolvendo pais e professores, para que ambos possam ser capazes de ajudar as crianças a utilizar a internet de uma forma mais segura de forma a poder incluir nas práticas docentes, em contexto de sala de aula, uma ferramenta tão poderosa e com tantas possibilidades, no sentido de poder tornar o processo de ensino e de aprendizagem mais interativo, mais colaborativo e com uma maior qualidade.

Referências

- Candeias, C.(2008). Crianças e a Internet: Na Balança dos riscos e das oportunidades. Acedido a (20 de abril de 2014), em <http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/TeseCatiaCandeias.pdf>.
- Martins, M. e Pinto, P. (2008).Tecnologias, Ecologias da Comunicação e Contextos Educacionais. Acedido a (20 de maio de 2014) <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18157/1/Tecnologias%2c%20Ecologias%20da%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20Contextos%20Educacionais.pdf>.
- Paiva et al. (2002). Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação pelos professores Portugueses. Acedido a (16 de maio de 2014), em <http://ism.dei.uc.pt/ribie/docfiles/txt200373118546paper-241.pdf>.
- Ponte, C e Vieira, N. (2007). Promoção de comportamentos seguros na Internet: um estudo de caso. Acedido a (02 junho de 2014), no website do: Repositório da Universidade do Minho: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7050/1/Challenges07-MJG-LV-PD.pdf>.
- Ponte, J. (2000). Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios? Acedido a (05 de abril de 2014), no website do:

- Repositório da Universidade de Lisboa:
<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3993/1/00-Ponte%28TIC-rie24a03%29.PDF>.
- Santos, P. e Manteigas, J. (2010). *Internet Segura para Crianças - Guia para Pais e Educadores*. Editora Lidel – Zamboni.
- Simões, L. e Gouveia, L. (2009). *Geração Net, Web 2.0 e Ensino Superior*. Acedido a (10 de maio de 2014), no website da: Universidade Fernando Pessoa:
http://www2.ufp.pt/~lmbg/com/ls_cem6_09.pdf.
- Vieira, M. (2005). *Uma perspetiva critica sobre as TIC num contexto escolar*. Acedido a (20 de abril de 2014), no website do: Repositório da Universidade do Minho:
http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3276/1/Tese_Educacao_Sociedade_Informacao_AV.pdf.
- Whitby, P. (2012). *O seu filho está seguro online?* Amadora: Editora Vogais.
-